

3. Nós cremos que Jesus Cristo, o Filho de Deus, é a Palavra feita carne, havendo assumido uma natureza humana no ventre de Maria virgem, possuindo Ele, por conseguinte, duas naturezas, a divina e a humana; por isso é chamado verdadeiro Deus e verdadeiro homem e é o único Salvador, pois sofreu a morte pela culpa de todos os homens. Lucas 1:27,35; João 1:14; 1 Pedro 3:18.

A uma virgem desposada com um varão cujo nome era José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria.

E, respondendo o anjo, disse-lhe: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; pelo que também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus. Lucas 1:27,35.

E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade. João 1:14.

Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; mortificado, na verdade, na carne, mas vivificado pelo Espírito. 1 Pedro 3:18.

Jesus filho de José (Lc 4:22; Jo 1:45, 6:42), Jesus de Nazaré (At 10:38), ou Jesus o Nazareno (Mc 1:24; Lc 24:19) veio em carne no início da era que leva seu nome em um canto do Império Romano, onde antes fora o antigo reino de Israel. Após sua morte e ressurreição, passou a ser chamado de Jesus Cristo. Jesus significa que “Deus é salvação”. Cristo deriva da palavra grega *christos*, que traduz o hebraico *meshiah* (Messias), “o ungido”. Em Cristo habitou corporalmente toda a plenitude da divindade. (Cl 2:9-10).

Desde o princípio, a pessoa manifesta de Deus recebe várias designações. É chamado de Anjo do Senhor e a Palavra. A Palavra (na forma latina Verbo, no grego Logos, no aramaico Memra) é o ato criador e libertador de Deus (Gn 1:3; Sl 33:9; 107:20; 147:15). A expectativa era que essa Palavra triunfasse sobre tudo (Ap 19:5). A expressão Anjo do Senhor, por vezes, aparece distinta de Deus ainda com a conotação de ser o próprio Deus em cerca de 60 passagens bíblicas (ex. Gn 16:11, Êx 3:2-6, Jz 2:1, 6:11, etc). O Anjo do Senhor (ou seja, Deus o Filho) e o Senhor (ou seja, o Pai) falam um com o outro (1 Sm 24:16; Zc 1:12; Jo 12:28).

Evangelho em grego significa boas notícias. No Judaísmo do Segundo Templo era esperada as “boas novas” que traria a vindicação de Israel (Is 52:7; cf. Rm 10:15). O termo refere-se a três coisas.

Primeiro, ao próprio Jesus Cristo (Rm 1:9). Ele é tanto o conteúdo das boas novas quanto seu mensageiro. Assim, o evangelho é “o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê” (Rm 1:16), poder identificado com a “palavra da cruz” (1 Co 1:18), isto é, a proclamação de “Cristo crucificado” (1 Co 1:23; 2:2; cf. Gl 3:1).

O segundo sentido é a própria mensagem ou o evangelho de Deus, reunindo os ensinamentos de Cristo e os ensinamentos sobre Cristo mediante sua obra reconciliatória (Rm 15:19; 1Co 9:12; 2Co 9:13; Gl 1:7; 1Ts 3:2).

A proclamação das “boas novas” aos pobres demonstra que Jesus era o Messias prometido (Mt 11:5; Lc 4:18). Os ensinamentos e ministério de Cristo anunciaram as boas novas do Reino de Deus (Mt 4:23; 9:35; 24:14; Mc 10:45; Lc 4:43; 8:1; 16:16). Este Reino inclui o perdão do pecado (Mc 2:5-12; Lc 5:21-5; 7:47-9). Desse modo, Cristo ressurreto garantiu o perdão para todos os que creem (Lc 24:47; At 2:38; 5:31; 10:43; 13:38; Ef 1:7; Cl 1:14), havendo consequências pela rejeição dessa mensagem (Rm 10:16; cf. 1Pe 4:17), como a condenação por não agir consistentemente com a verdade do evangelho (Gl 2:14; cf. Fp 1:27).

Finalmente, mais tarde na história cristã os quatro relatos escritos do ministério de Jesus receberam esta designação (Mc 1:1).

Escutar as boas novas e confiar nela é crer no poder da vida crucificada e ressuscitada de Jesus, bem como esperar pela sua volta (Rm 6:3-8; Gl 2:19-20; Ap 3:11-13). Assim, incluem-se na mensagem do evangelho a ressurreição, a ascensão aos céus e a promessa de efusão do Espírito Santo o qual guiará e consolará até o seu retorno.

Em um resumo do evangelho, Paulo comunica a mensagem a qual também recebeu (1 Cor 15). Cristo morreu por nossos pecados, foi sepultado, e ressuscitou no terceiro dia. Foi visto por várias pessoas. Cristo, a primícia dos que dormem, é a esperança de que todos serão vivificados nele quando da sua vinda. Então, virá o fim quando tiver entregado o Reino a Deus, ao Pai, e quando houver aniquilado todo império e toda potestade e força. E o último inimigo que há de ser aniquilado é a morte. E, quando todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então, também o mesmo Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos. Os mortos ressuscitarão incorruptíveis. Haverá uma transformação para o que for corruptível se revista da incorruptibilidade, o que for mortal se revista da imortalidade.

Duas naturezas coexistem em Cristo Jesus: a divina e a humana. Essas naturezas são unidas na mesma pessoa, sem confusão, separação ou mudança, cada qual mantendo suas características distintas. Portanto, Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem. João 1:1 declara plenamente que o Logos (o Verbo, a Palavra) era Deus enquanto na mesma passagem em João 1:14 declara plenamente que o Logos (o Verbo, a Palavra) era humano.

Verdadeiro Deus: Cristo antecede a criação, estando com Deus-Pai desde o princípio e participando da criação do homem, sendo Ele a Palavra de Deus, coeterno e coigual (Gn 1:26, João 1:1, Hb 1:8, Cl 1:15-17).

O título Filho de Deus denota sua natureza divina. No Antigo Testamento referia-se a Israel (Ex 4:22) e para o reino de Davi e seu sucessor (2 Sm 7:14). No Novo Testamento, Cristo é declarado “o” Filho de Deus (Rm 1:4), revelando sua relação com o Pai, prevista na doutrina da Trindade. É assim chamado de o Unigênito (por sua natureza singular) e o Primogênito.

Cristo é Senhor e Deus (Tt 2:13). Tomé confessou que Cristo era Senhor e Deus (João 20:28). Tal como o Pai e o Espírito, Jesus é Criador e Sustentador de todas as coisas (Cl 1:16). A ideia de domínio ou senhorio da incorpora soberania: alguém com poder e ninguém com força ou poder equiparável ou que sobreponha. Cristo é reconhecido como Senhor (Rm 10:9), o único Deus que salva, ao qual todo joelho se dobrará e todos declararão seu poder e vitória (Is 45:22-24).

Verdadeiro homem: Em Cristo fez-se carne a Palavra (Jo 1:14). Assim, Cristo era plenamente humano. O título Filho do Homem, empregado principalmente no evangelho de Mateus, enfatiza a humanidade de Jesus. Enquanto a expressão pode referir-se à humanidade (cf. Nm 23:19, Sl 8:4) e mesmo como vocativo ao profeta Ezequiel, em Daniel 7:13-14 aparece o julgamento futuro a ser pelo Filho do Homem, profecia realizada em Jesus Cristo. Sendo ele encarnado como ser humano pode julgar como igual toda a humanidade (Mc 13:26). Em sua vida terrena Cristo foi tentado em todas as coisas, mas não houve nele pecado (1 Pe 2:22, 2 Cor 5:21, Hb 4:15, 1 Jo 3:5, 1 Pe 1:18-19).

Maria: Na plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, para o resgate da criação (Gl 4:4-5). Para portar a Palavra encarnada coube à virgem Maria, a qual todas as gerações a chamam bem-aventurada (Lc 1:41-55), por virtude do Espírito Santo conceber (Mt 1:23; Lc 1:27, 35).

Único salvador: sendo verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, temos n’Ele “um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem, o qual se deu a si mesmo em preço de redenção por todos, para servir de testemunho a seu tempo.” (1 Tm 2:5,6). Reúne em si os ofícios de Rei (Ap 17; 19:16), Sacerdote (Hb 1:3; 9:14-15; 9:22-28) e Profeta (Jo 6:14, Dt 18:15). Portanto, somente em Cristo há salvação (Mt 1:21; At 4:12; 1 Co 1:2).

Expição universal: Cristo padeceu uma vez pelos pecados o justo pelos injustos, sendo o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo 1:29, 36). Nos holocaustos do Antigo Testamento para cada pecado havia um tipo de sacrifício como contraprestação pelo pecado (Lev 22), mas Cristo sendo o Cordeiro imaculado fez um sacrifício perfeito, sem necessidade de nenhum outro e de alcance universal (Ap 5:5-10). A propiciação de Cristo foi perfeita de modo que não há sacrifício humano que apazigua a ira divina (Is 1:10-18, Rm 3:25). Cristo levou em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro. Assim, fomos mortos para os pecados, pois Cristo permitiu de vivermos para a justiça. Por suas feridas fomos sarados (1 Pe 2:24). Cristo padeceu uma vez pelos pecados o justo pelos injustos.

Cristo é o redentor. Aqui revela a poderosa humildade de Cristo, pois não se reteve ao poder, mas esvaziou-se e assumiu a forma de servo (Fp 2:7), vindo não para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate (Mc 10:45). Deste modo, estando o homem preso no pecado e na morte eterna, Cristo recuperou a liberdade humana, livrando-o dos grilhões do mal. Por isso é chamado de redentor ou remidor, aquele que resgata servos ou escravizados (1 Tm 2:6).

Cristo é o vencedor da morte e do mal. Da mesma maneira que venceu o tentador (Mc 4:11), expulsou demônios (Mt 12:28, Mc 1:23-28; 5:1-20; 7:24-30; 9:14-29), ele venceu as trevas (1 Co 2:6-8; Cl 2:14-15; Hb 2:14-15) e, por fim, a morte. Com sua vitória coloca os remidos sob sua proteção (1 Pe 3:18-22; Ap 5:5-10; 1 Co 15).

Em sua morte Cristo trouxe vida a nós pecadores. “Cristo morreu pelos nossos pecados segundo as Escrituras” (1 Co 15:3). Em Cristo passamos de condenados à perdição pelo pecado para sermos libertos para a justiça. “Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus” (2 Co 5:21). Seu sacrifício expiatório trouxe salvação à humanidade, sem distinção de pessoas (1 Tm 2:5, 6).